



CONSCIÊNCIA NEGRA: LEGADO DE RESISTÊNCIA DO MOVIMENTO NEGRO BRASILEIRO CONTEMPORÂNEO

Membro da Articulação Afro SJ (Companhia de Jesus)¹

Vidas Negras
Pela promoção da justiça
como exigência da nossa fé

Ao celebrarmos o dia Dia da Consciência Negra neste ano de 2021 *fazemos memória de diversos acontecimentos que confluem para ressaltar a força da luta do povo negro neste país.*

- Celebramos os **50 anos do Dia da Consciência Negra**, iniciado em 1971 por um grupo de jovens estudantes negros na cidade de Porto Alegre-RS em comemoração à morte de Zumbi dos Palmares;
- celebramos os **40 anos da Missa dos Quilombos**, celebração profética realizada na Praça do Carmo em Recife-PE, presidida por Dom José Maria Pires, Dom Hélder Câmara e Dom Pedro Casaldáliga, no local onde o corpo de Zumbi dos Palmares foi exposto;
- celebramos ainda os **20 anos da Conferência Internacional de Durban**, um marco na luta contra o racismo, a discriminação racial, a xenofobia e a intolerância correlata.

E muitas outras celebrações poderiam ser elencadas no espírito do protagonismo e luta do povo negro na construção de nosso país.

¹ - Mestre em Filosofia e Ciências Sociais pela Universidade Jesuíta de Guadalajara (ITESO), México (2019). Graduado em Relações Internacionais pela Faculdade Damas, Recife, Pernambuco (2015). Em seus estudos interessou-se pelas dinâmicas da sociedade global/local: sua fundamentação filosófica e social, com ênfase na articulação entre capitalismo, colonialidade e direitos humanos. Atualmente estudante de Teologia na Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (FAJE) em Belo Horizonte, Minas Gerais.

* - Diagramação e destaques = OLMA.



Em um cenário de fome e desigualdade, de precarização da vida e ameaça ao Estado Democrático de Direito e aos direitos humanos, *o protagonismo do movimento negro nos ensina uma pedagogia ativa de resistência e propostas criativas para a construção da democracia desejada, porém ainda não realizada em nosso país.*

A trajetória e as estratégias de luta e de ação política construídas pelo movimento negro brasileiro das últimas décadas século 20 aos nossos dias, problematizando as urgências de nossas condições de existência, tem tocado as questões fundamentais que estruturam e articulam a organização social brasileira e as relações econômicas, políticas, culturais e simbólicas de um país marcado por uma estrutura social racista.

Em uma sociedade atravessada pelo racismo não há democracia real. É o que atesta o manifesto **‘Enquanto houver racismo, não há democracia’** da Coalizão Negra por Direitos:

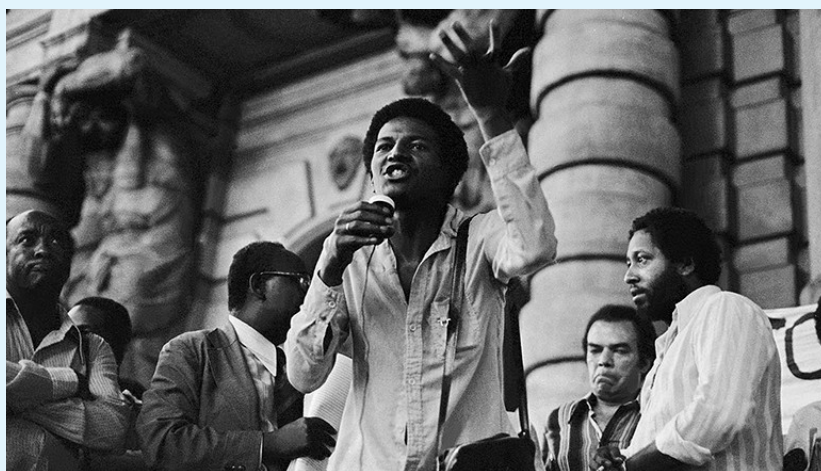


De: <https://www.abrasco.org.br/site/noticias/coalizao-negra-por-direitos-lanca-manifesto-enquanto-houver-racismo-nao-havera-democracia/49390/>

Essa é uma luta que não começa aqui, mas que se materializou no pensamento e na ação de homens e mulheres que, em todos os momentos históricos em que a brutalidade foi imposta ao povo negro, levantaram suas vozes e disseram: NÃO! Não há democracia, cidadania e justiça social sem compromisso público de reconhecimento do movimento negro como sujeito político que congrega a defesa da cidadania negra no país. Não há democracia sem enfrentar o racismo, a violência policial e o sistema judiciário que encarcera desproporcionalmente a população negra. Não há cidadania sem garantir redistribuição de renda, trabalho, saúde, terra, moradia, educação, cultura, mobilidade, lazer e participação da população negra em espaços decisórios de poder. Não há democracia sem garantias constitucionais de titulação dos territórios quilombolas, sem respeito ao modo de vida das comunidades tradicionais. Não há democracia com contaminação e degradação dos recursos naturais necessários para a reprodução física e cultural. Não há democracia sem o respeito à liberdade religiosa. Não há justiça social sem que as necessidades e os interesses de 55,7% da população brasileira sejam plenamente atendidos.

Qual é, então, o legado do movimento negro brasileiro contemporâneo? O que podemos celebrar ao falarmos em consciência negra?

Celebramos justamente **o legado de resistência** do movimento negro brasileiro contemporâneo na luta pela conquista de um estado social no qual haja igualdade de oportunidades e condições reais de participação dos negros e negras na vida social, política, cultural e econômica sem que a questão racial seja um impedimento real para a vida da população, sem que as hierarquias raciais definam previamente aquelas vidas que valem mais e que oportunidades são possíveis para uma parte da população brasileira.



Fotos divulgação. Foto 1: “Livro resgata trajetória do Movimento Negro Unificado em artigos, depoimentos e fotos”. Acesso em: <https://almapreta.com/sessao/cultura/livro-resgata-trajetoria-do-movimento-negro-unificado-em-artigos-depoimentos-e-fotos>

Foto 2 de “Primeiros atos do MNU comparavam o Brasil ao apartheid sul-africano. (Foto: Jesus Carlos via Memorial da Democracia). “Acesso em: <https://www.brasildefato.com.br/2019/04/05/uma-historia-oral-do-movimento-negro-unificado-por-tres-de-seus-fundadores>

De 1978, quando nas escadarias do Teatro Municipal de São Paulo o Movimento Negro contemporâneo surgiu como coletivo político unificado, organizado e com intenções claras, aos dias de hoje, o movimento negro brasileiro tem colhido experiências que fortalecem a luta antirracista e que tensionam a construção de um país mais justo e igual para todos e todas.

Recordemos do

- movimento pela anistia, no qual o movimento negro **denunciou que os presos comuns negros eram presos políticos**;
- do plano de ação do movimento negro (1982) e do documento final da Convenção Nacional do Negro (1986) com os quais **as demandas do povo negro foram politicamente sintonizadas** com as questões de todos os oprimidos da sociedade brasileira;
- da **luta por uma Constituição verdadeiramente democrática** a partir dos debates levados adiante na Subcomissão dos Negros, Populações Indígenas, Pessoas Deficientes e Minorias;
- da Marcha de Zumbi dos Palmares em Brasília (1995) que redundou na criação do **Grupo de Trabalho Interministerial para a Valorização da População Negra (GTI) na Secretaria Nacional dos Direitos Humanos (SNDH)**; e

- da participação do movimento negro na **Conferência de Durban (2001), na África do Sul, que denunciou a escravidão e o tráfico de escravos**, especialmente o transatlântico, como crimes contra a humanidade e **clamou por políticas que visem à reparação contra os danos históricos causados contra as populações negras**.

Como resultado, tivemos no Brasil

- a prescrição do **racismo como crime inafiançável** (Lei Caó de 1989);
- a obrigatoriedade do ensino de história e cultura afro-brasileira nas **escolas** (Lei 10.639/2003);
- a criação da Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (**SEPPIR**), com caráter de Ministério, existiu de 2003 a 2015;



- a criação de sistemas de informação com notificação e **registro do dado raça/cor no país**; ações do movimento negro para incentivar que a população se autodeclare preta ou parda;
- a aprovação da **Política Nacional de Saúde Integral da População Negra** no Conselho Nacional de Saúde (2006);
- a aprovação do **Estatuto da Igualdade Racial** (2010);
- as **políticas afirmativas**, com especial destaque para a Lei de Cotas para o ensino superior (2012);
- a **regulamentação do trabalho dos/as empregados/as domésticos/as** pela Emenda Constitucional 72 (2013), entre outras conquistas.



Votação no CONSU de Cotas Raciais na Unicamp

Dia histórico na Unicamp, mobilização estudantil para acompanhar e votação de Cotas Étnico-Raciais na Unicamp no CONSU em Frente da Reitoria (30/05).

De: https://www.flickr.com/photos/robson_b_sampaio/34208331313

(CC BY-NC-SA 2.0)

Entre essas políticas, podemos considerar que as cotas raciais nas universidades têm mudado as características do ensino superior brasileiro: *em 2018, pela primeira vez na história do país, o número de matrículas de estudantes pretos e pardos superou o de brancos*, conforme pesquisa intitulada *Desigualdades Sociais por Cor ou Raça no Brasil* do IBGE publicada em 2019.

Contudo, precisamos seguir avançando na educação e atingir outras áreas como os indicadores de saúde, de trabalho, da violência e do sistema de justiça. Mudanças são possíveis, mas caminhamos a passos lentos.

No quesito trabalho, a mesma pesquisa apontou que o salário médio de uma pessoa branca no Brasil era 73,9% maior do que de uma pessoa

negra em 2018. Na segurança pública, conforme os dados do Centro de Estudos de Segurança e Cidadania de dezembro de 2020, publicados no relatório *A cor da violência policial: a bala não erra o alvo* comprova que o racismo mata. Na Bahia, praticamente todos os mortos em ações policiais são negros, 97%, num estado em que 76,5% da população se declara negra. O mesmo padrão se repete nos outros estados monitorados pela Rede de Observatórios da Segurança (CE, PE, RJ e SP).



Conforme o relatório, o racismo enterra corpos pretos todos os dias. É ele que também ensina ao policial que o alvo da sua bala tem cor. **É a dor de viver num país racista que faz a escritora negra Conceição Evaristo exclamar:**



A escritora Conceição Evaristo durante debate no Festival Latinidades 2013.

Wikimedia Commons

*Os ossos de nossos antepassados
colhem as nossas perenes lágrimas
pelos mortos de hoje.*

*Os olhos de nossos antepassados,
negras estrelas tingidas de sangue,
elevam-se das profundezas do tempo
cuidando de nossa dolorida memória.*

*A terra está coberta de valas
e a qualquer descuido da vida
a morte é certa.*

*A bala não erra o alvo, no escuro
um corpo negro bambeia e dança.*

*A certidão de óbito, os antigos sabem,
veio lavrada desde os negreiros.*

Conceição Evaristo, 2008.

Essas informações contrastam com as do Censo do Judiciário realizado pelo Conselho Nacional de Justiça em 2018 segundo o qual 80,3%

dos magistrados se declaram brancos. Conforme estudos de Thula Pires e Marcelo Paixão, **o poder judiciário é responsável pela naturalização das hierarquias raciais** no âmbito das instituições e que são reproduzidas cotidianamente por agentes públicos.

Além disso, temos lidado nos últimos anos com retrocessos nos avanços democráticos e na luta antirracista: -> aumentos de caso de intolerância religiosa e de demonização das religiões de matriz afro-brasileira cujo componente central é a discriminação das identidades negras; -> o extermínio e criminalização das juventudes negras; -> a abissal diferença no mercado de trabalho, com nosso povo negro na informalidade e sem direitos previdenciários; -> a alta porcentagem de negros e negras entre os mais pobres (2/3) e a própria realidade das mortes na pandemia - os/as negros/as representam 55% das mortes contra 38% de brancos conforme o Núcleo de Operações e Inteligência em Saúde da PUC-Rio.

O que tudo isso demonstra é que essa frágil democracia é essencial para a população negra brasileira e é por isso que falar da luta do movimento negro é falar da luta pela democracia no Brasil. Não podemos deixar de considerar que a escalada autoritária e a ameaça ao Estado Democrático de Direito e aos direitos humanos que estamos enfrentando no governo brasileiro é um risco à nossa vida. **Essas ameaças deliberadamente orquestradas pelo governo atual representam a grande ameaça contra todos e todas nós.**



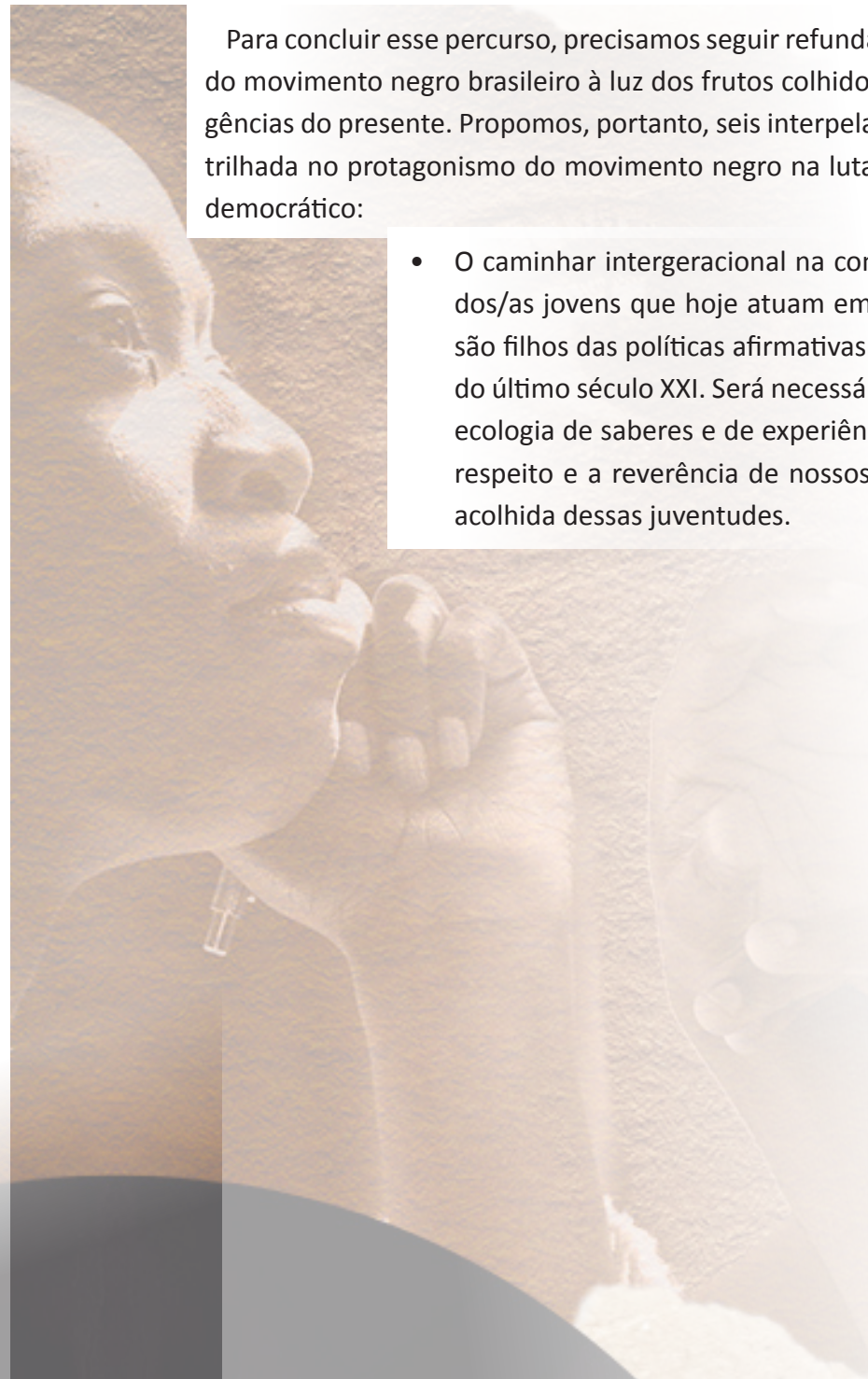
Conheça um pouco mais
sobre essa articulação da
Companhia de Jesus

Leia o artigo em :
<https://wp.me/p6Pju2-67J>



E AGORA, MOVIMENTO NEGRO?

Vemos no atual contexto brasileiro o ressurgir de grupos, movimentos, coletivos (como a **Articulação Afro da Companhia de Jesus**) e a irrupção de novas forças dentro de partidos políticos que tomam novamente a sério a grande empreitada de pautar a urgência da questão racial brasileira. O legado do movimento negro brasileiro é entregar as gerações atuais sua experiência histórica comprovada como forma de animar nossa ação política e de inspirar nossa empreitada na consideração de que *a democracia brasileira, enquanto houver racismo, será sempre um projeto inacabado e a ser conquistado*. **Afirmamos, assim, que o Brasil somente será um país melhor para todos quando não houver racismo.**



Para concluir esse percurso, precisamos seguir refundando, ou seja, atualizando a ação do movimento negro brasileiro à luz dos frutos colhidos ao longo desses anos e das urgências do presente. Propomos, portanto, seis interpelações que brotam da experiência trilhada no protagonismo do movimento negro na luta por um país mais justo, igual e democrático:

- O caminhar intergeracional na construção da luta política. Muitos dos/as jovens que hoje atuam em grupos e coletivos antirracistas são filhos das políticas afirmativas ou nascidos na virada do último do último século XXI. Será necessária uma polifonia de vozes e uma ecologia de saberes e de experiências que possibilitem a escuta, o respeito e a reverência de nossos mais velhos e a capacidade de acolhida dessas juventudes.
- A retomada do critério de reparação como categoria política. As políticas afirmativas são um grande legado do movimento negro, mas, por si, não alcançam a complexidade e dramaticidade das estruturas perversas do racismo e suas consequências em nossas vidas com a urgência de que necessitamos. Talvez seja a reparação uma categoria que possa nos ajudar a radicalizar a democracia por dentro (democratizar a democracia) e chegarmos a tocar as questões axiais da estrutura social brasileira.



- Avançar na capacidade de contágio e estabelecimento de vínculos com as pessoas brancas e instituições comprometidas com um Brasil melhor, para todos avançarmos na luta antirracista.
- Perscrutar um certo espírito que tem movido ao longo de décadas a luta do movimento negro. É um espírito que brota das práticas (está presente no modo de organização política e popular dos coletivos e grupos com o qual temos sido capazes de ousar propor novas formas de existência para o povo negro fundada em sua real e verdadeira dignidade), que permite a interseccionalidade da luta e a articulação em múltiplos níveis, do local ao internacional.
- Sustentar a memória dos antepassados, especialmente das vítimas. Estamos atravessando uma pandemia que tem matado muitos/as dos/as nossos/as. Algo que é próprio de nosso povo é o cuidado das tradições, da memória e das vítimas (pensemos nos coletivos de mães negras que perderam seus filhos para a violência policial). Na altura de nosso tempo, precisaremos ser, mais do que nunca, cuidadores da memória dos nossos antepassados para não

deixar cair a força da luta que enraizada no passado, sustenta nosso presente e projeta nosso futuro. Como afirmou Saulo Enrique Mosquera Palacio, líder social, benzedor negro e sobrevivente do massacre da comunidade de Bojayá, na Colômbia, “nossos mortos têm o direito de se converter em ancestrais”.

- Defender o futuro. Na altura de nosso tempo, o avanço das questões ambientais representa uma grande ameaça para a vida do povo negro, pois são as populações negras as mais vulneráveis e primeiramente afetadas pelas transformações no meio ambiente. Aliado a isso, são as populações negras que têm a menor expectativa de vida em nosso país: morremos de subnutrição até os 10, de bala até os 30, de vida subumana antes dos 60. A pandemia revelou que a população negra escasseia no Brasil quando se avança nas faixas etárias acima dos 40 anos. Cuidar do passado também implica, portanto, em defender o futuro: temos o direito ao futuro e um futuro com esperança.





OLMA

Observatório Nacional
de Justiça Socioambiental
Luciano Mendes de Almeida

5 anos



Série

Lendo e Refletindo



OLMA

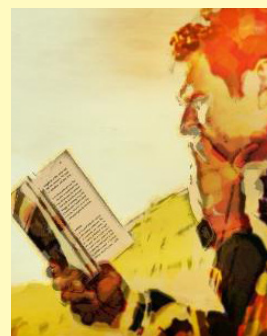


A série Lendo e Refletindo é uma iniciativa do Observatório Nacional de Justiça Socioambiental Luciano Mendes de Almeida (OLMA), que busca socializar, através de sucintos textos, reflexões pertinentes às diferentes práticas e/ ou pensamentos ligados ao conceito de justiça socioambiental, economia solidária, educação popular, diálogo Inter religioso, educação para as relações étnico raciais, povos tradicionais, trabalho em rede, cenários políticos e administrativos nacionais, entre outros. A submissão de textos é aberta a quem interessar e não apresenta estrutura prévia obrigatória, estando ao livre estilo do autor. Se você tem interesse em enviar-nos um texto, ficaríamos muito agradecidos: olmacomunica@jesuitasbrasil.org.br

Para ler os textos já enviados acesse: <http://olma.org.br/serie-lendo-e-refletindo/>

RECEBA UM LIVRO EM CASA!

Com o objetivo de incentivar a leitura e discussão dos mais variados temas de interesse comum, o OLMA oferece junto com a “Série Lendo e Refletindo” um programa onde qualquer pessoa tem a possibilidade de escolher e receber um dos livros oferecidos, via correio, em todo território nacional, sem custos. **Veja como fazer:**



- Entenda melhor o programa e preencha o formulário do link acessando o link abaixo.
- Também lá, informe seus dados e indique quais livros, entre os disponíveis, desejaria receber via correio, sem custos.

Se você for sortead@, ganha o livro disponível de sua preferência na ordem que indicar, e o recebe em casa, junto com mais alguns brindes surpresa.

A biblioteca com os livros para escolha está em continua atualização. **Acesse** <http://olma.org.br/livros-programa-de-doacao-olma/> **e saiba mais.**

Se possível opine sobre os outros temas/publicações da série e **aumente suas chances.**

Compartilhe esta idéia!